

A RAINHA D. LEONOR E AS MURATE DE FLORENÇA
(NOTAS DE INVESTIGAÇÃO)

por Ivo Carneiro de Sousa

Certo dia de 1433, quando o célebre religioso português D. Gomez atravessava a ponte *vecchia* de Florença, teria deparado, casualmente, com uma pequena e decrépita habitação albergando treze mulheres emparedadas que se haviam transformado num centro importante de devoção religiosa que atraía a caridade e a piedade de muitos transeuntes. De acordo com as tradições que estamos à seguir, os perigos físicos e, mesmo, morais impostos pela exiguidade e decadência da casa que acolhia as muradas teriam impressionado tão fortemente o reformador português que este terá procurado, de imediato, encontrar um mosteiro capaz de vir a recolher aquela corajosa comunidade religiosa feminina, o que, de facto, se viria a concretizar numa casa da rua Ghibelina¹... D. Gomez promoveria, seguidamente, a trasladação das emparedadas, em 14 de Dezembro de 1433, fazendo-as, igualmente, tomar o hábito negro das beneditinas reformadas, copiando-lhes também a Regra, para além de dotar a comunidade monástica de constituições por ele próprio elaboradas². Um importante conjunto de medidas disciplinadoras e orientadoras da vida religiosa das monjas que não impediu, porém, que continuassem a viver muradas, mas, agora, mais intimamente ligadas, duplamente, à oração quotidiana e ao trabalho manual³...

¹ NUNES, Eduardo — *Dom Frey Gomez Abade de Florença, vol. I, Braga*, 1963, p. 308; LAMIO, Ioanne — *Sanctae Ecclesiae Florentinae Monumenta*, T. II, Florença, 1758, p. 1363.

² NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 308.

³ De acordo com a lição que segue NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 309, D. Gomez teria respeitado escrupulosamente a vida de emparedadas em rigorosa clausura e, somente simbolicamente, quando se dava entrada a uma nova noviça, se abatia um pequeno muro que, imediatamente, era reedificado.

Contrariamente ao que algumas memórias hagiográficas procuraram erguer⁴, o abade Gomez não foi o fundador das *Murate* florentinas, conquanto tivesse exercido um papel nodal na organização e reordenamento dessa comunidade de emparedadas, proporcionando-lhe novos espaços, regramentos e orientações que se afiguram fundamentais para explicar o renascimento, reprodução e expansão dessa experiência religiosa e espiritual que, de resto, parece ter mergulhado a sua génese bem mais longe no tempo. Assim, acompanhando a única *Crónica delle Murate* que chegou até aos nossos dias⁵ e que terá sido redigida, provavelmente, à volta de 1580-90, as emparedadas da cidade do Arno teriam tido origem, directamente, numa discípula de S. Catarina de Siena, chamada Apollonia, de Valdarno di Sopra. Após a morte da famosa santa, em 1380, Apollonia, sabendo que seu pai vivia em Florença subjugado por grande pobreza, deslocou-se para a cidade e assistiu-o até à morte⁶. Posteriormente, cerca de 1390, começou a habitar uma pequena casa construída sobre o segundo pilar da ponte velha para, em 1396, se lhe juntar uma primeira companheira, de seu nome Ágata⁷. Resolvem, quatro anos mais tarde, emparedar-se na exígua habitação, passando a viver exclusiva-

⁴ É este o procedimento que ressalta da obra do principal biógrafo do reformador português, Salvetti, o qual procura reivindicar para o seu biógrafo o prestígio exemplar da fundação das *Murate* florentinas, chegando, inclusive, a compor pormenorizadamente o quadro em que se havia passado o encontro ocasional entre o abade e a comunidade das emparedadas, instaladas, então, numa das pontes do Arno: SALVETTI, *Vita*, 8v-10 e NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, pp. 305 e 306.

⁵ Seguiremos a *Crónica delle Murate* encontrada por Eduardo Nunes na Biblioteca Apostólica Vaticana, cod. Vat. Lat. 7963, 185-264. O volume apenas narra eventos acontecidos até 1550 e parece ter sido redigido por uma monja do mosteiro florentino à volta de 1580-90 (Cf. NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306 n. 57). De qualquer forma, apesar de não termos encontrado qualquer outra crónica coeva acerca da história das emparedadas da rua Ghibelina, foi-nos, porém, possível estudar no Archivo di Stato di Firenze (ASF), *Conventi Sopressi*, 81, F. 3, um *Libro di Ricordanzes* que, conquanto não constitua, propriamente, um texto de teor cronístico, compulsa e sumaria várias informações para o período de 1400-1557 semelhantes aos narrados pela *Crónica delle Murate*, pelo que será, inclusive, de supor que este volume constituiu uma das fontes principais para a redacção da referida memória de finais do século XVI.

⁶ *Crónica delle Murate*, 185 e NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306.

⁷ *Crónica delle Murate*, 185 e NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306.

mente das escolas de quem passava na ponte⁸. Construíram, contudo, um pequeno oratório anexo à casa, dedicado a S. Maria Annunziata e no qual um capelão lhes dizia missa: erguia-se, de acordo com estes contornos debuxados pela *Crónica*, uma nova comunidade religiosa feminina, de tipo monástico, vivendo em total clausura, dedicada à oração, mas sobrevivendo da esmola e da piedade ocasionais⁹. Somente em 1413, por intervenção directa do bispo de Florença, é que as muradas, então já em número de sete, receberiam o hábito branco e a regra de S. Bento, para além de terem sido ainda formalmente obrigadas às horas canónicas... Percebe-se, todavia, com relativa facilidade, que a intervenção de D. Gomez foi absolutamente decisiva na institucionalização e formalização da vida religiosa das enclausuradas, sendo a sua acção retida e relevada na história da Igreja florentina do século XV por ter precisamente marcado o início do período decisivo de promoção e desenvolvimento da comunidade das emparedadas¹⁰. Logo após o regresso do famoso abade a Portugal depará-mos, de facto, com um claro aprofundamento do prestígio religioso das *Murate* que é particularmente evidente no pontificado de Eugénio IV e durante as suas estadias em Florença, altura aproveitada pelo papa para, ao promover a reforma das instituições religiosas florentinas, encerrar numerosos mosteiros femininos de características e vivência duvidosas, mas exaltar, paralelamente, o exemplo de vida protagonizado pela comunidade de S. Maria Annunziata¹¹. É, aliás, sem grande surpresa, que se assiste nos

⁸ *Crónica delle Murate*, 185 e NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306.

⁹ Cf. NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306.

¹⁰ Tal acontece, por exemplo, na importante obra monumental de Lamio, o qual resume a acção de D. Gomez junto das *Murate* da forma seguinte: «Reclusae Pontis Rubacontis devotae et quaedam puellae erant, quae in augusta quadam domo, et parva S. Mariae Adnunciatae Ecclesia, super Pontem Rubacontis posita manebant, et vulgo Muratae vocabantur. Hae saeculo XV in Monasterium Sanctae Mariae Adnunciatae in Via Gibellina situm a Beato Gometio Abbate translatae fuere...» (LAMIO, Ioanne — *ob. cit.*, p. 1363).

¹¹ Ao narrar o período em que o pontífice Eugénio IV residiu em Florença, S. Antonino, na sua célebre *Crónica*, refere, de facto, diversas iniciativas tendentes à reforma das instituições religiosas florentinas, directamente dirigidas pelo papa: «Et ut zelator procipus religiose conversationis multa monasteria monialium dissolute et ihoneste conversantium evacuavit dignitatem abbacissalem extinguendo et moniales eorum alia monasteria transmisit.» E um pouco mais à frente descreve a experiência religiosa das *Murate* com as seguintes palavras: «In magnis observantjjs

anos 50, 60 e 70 de Quatrocentos a uma progressiva afirmação da importância religiosa e social da experiência espiritual das muradas no seio de uma Florença agitada por contradições de matiz vário, época em que se assiste, igualmente, a uma especialização crescente do quotidiano da comunidade através do cruzamento da vida de oração e contemplação com o trabalho manual cada vez mais centrado, singularmente, na realização de bordados, cópias e miniaturização de livros¹².

De qualquer forma, com o regresso definitivo de D. Gomez a Portugal poder-se-ia pensar que as relações do mosteiro de S. Maria Annunziata com a história religiosa e espiritual de Portugal não ultrapassariam as escassas linhas com que alguns biógrafos exornavam o papel do religioso português na promoção e aprofundamento da reforma da Igreja florentina epocal... Não acontece, porém, assim e a comunidade feminina das *Murate* acabaria por se ligar mais estreitamente a alguns meios e sectores importantes do Portugal de finais do século XV e primeiras décadas da centúria seguinte, indiciando até um papel não dispiciendo nas opções da história da espiritualidade desse período. Para se reconstruir os contornos dessas novas conexões torna-se, no entanto, indispensável reproduzir e acompanhar o desenvolvimento de uma notícia hagiográfica acerca da religiosa italiana que se afigura ter cumprido um lugar axial na génese do renascimento do interesse de meios espirituais portugueses pela experiência religiosa da comunidade das muradas florentinas...

Tudo parece ter (re)começado quando soror Eugenia Benedetta, uma veneziana de cerca de 33 anos, resolveu professar no mosteiro de S. Maria Annunziata, à roda de 1450. Todavia, muito rapidamente, acabaria por se ver envolvida em problemas que, presumivelmente, atentavam contra a estabilidade tradicional da vivência

ieiunijs silentijs exercitij tenuitatae victus et vestitus divis officijs omnes concurrentes. Extra canónicas horas continuo die noctuquae due ex singulis choris in ecclesia vicissim alie alijs succedentes psalterium perlegunt sub cura dyocesani domino militant frequentantes confessionem et comionem. Cum ordine indeficienti. Nedum auct proprietas apud aliquam reperiate sed nec possessiones aut redditus in conihunt monachis concessas victum sibi parcum labore manuum et elemosynis largite procurant in summa charitate unum cor et unam animam in domino hontes». (S. ANTONINO — *CHRONICA*, Basileia, 1502, III Parte, cap. X, fl. 170).

¹² Cf. S. ANTONINO — *ob. cit.*, III Parte, cap. X, fl. 170 e NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 309.

da comunidade, chegando o seu confessor a apresentar à abadessa uma carta de S. Antonino de Florença que pedia a expulsão da irrequieta noviça. Dirigindo-se a Roma, onde se encontrava o arcebispo florentino, Eugenia ter-lhe-á mostrado a aludida carta que, afinal, era falsa, o que levou S. Antonino a pedir, imediatamente, o regresso da religiosa à sua comunidade. Eugenia preferiu, porém, iniciar uma vida de peregrinação. Vestiu-se de homem e conseguiu entrar num convento de franciscanos, mas a suspeita dos frades obrigou-a a partir para, em seguida, integrar nova comunidade masculina de menores, na qual seria traída a manobrar enfermos. Resolve, então, visitar Jerusalém e o Santo Sepulcro, mas, ao atravessar uma região em guerra acabaria por ser aprisionada, conseguindo, contudo, por intercessão divina, evadir-se. Concretizado o seu sonho, quando regressava da Terra Santa terá optado por fazer peregrinações aos grandes santuários ocidentais do século XV, o que a levou, evidentemente, a Santiago de Compostela e daí a entrar em Portugal. Segundo a tradição que temos seguido, chegada a Lisboa, Eugenia terá sido recebida pela rainha D. Leonor, esposa de D. João II, com a qual manteve longos colóquios, obtendo a sua promessa de ajuda para um projecto de fundação de um hospital em Roma. Mas, ao regressar a Itália, Eugenia Benedetta optaria por reentrar no mosteiro das emparedadas da rua Ghibelina... Só que D. Leonor teria mandado o seu confessor, o franciscano frei Afonso do Rio, seguir e apoiar as realizações da peregrina, o que culminaria por fazer com que a rainha canalizasse a sua caridade e ajuda para o Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença¹³.

Na verdade, esta representação hagiográfica que acabámos de resumir mostra-se, globalmente, exacta no que tange o início das ligações entre as *Murate* florentinas e a rainha D. Leonor de Lencastre ao centrá-lo na figura de Eugenia Benedetta. Era com particular interesse que nos interrogávamos acerca das manifestações documentais dessas conexões, ainda não averiguadas e, até ao presente, não descobertas e estudadas¹⁴. Conseguimos, no entanto, localizar no Archivo di Stato di Firenze (ASF), recente-

¹³ Cf. NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, pp. 312 e 313.

¹⁴ Na verdade, NUNES, Eduardo — *ob. cit.*, p. 306 n. 57, ao interrogar-se acerca da *Crónica* das *Murate* escrevia: «Que sorte teve o original da Crónica, e todo o arquivo das 'Murate'? Não encontrei indicação em nenhum autor, nem restos em nenhum arquivo.»

mente, os antigos fundos do mosteiro de S. Maria Annunziata e com eles um importante conjunto documental que certifica e aprofunda as relações e correspondência entre as emparedadas de Florença e, especialmente, a esposa de D. João II¹⁵. Tratam, precisamente, da apresentação de um breve sumário e descrição desses fundos históricos estas notas de investigação que mais não pretendem do que assinalar a significativa importância que essa documentação exhibe para as investigações em história da cultura e da espiritualidade portuguesas, nos finais do século XV e primeiras décadas do século XVI, pesquisas que temos vindo a concretizar em torno da vida, acção e meios protagonizados por D. Leonor de Lencastre (1458-1525)...

Refira-se, contudo, que o antigo arquivo das *Murate* conservado no ASF não é particularmente extenso nem excepcionalmente rico, apresentando-se, inclusive, significativamente exíguo para a época contemporânea de D. Leonor: apenas seis volumes ostentam referências importantes a esses anos, conquanto apenas uma colecção tenha conseguido preservar documentos originais desse período¹⁶. Compõe-se esta última colectânea de um relevante conjunto de variadas correspondências mantidas pelas muradas nos séculos XV e XVI, revelando, maioritariamente, um *corpus* importante de originais, no qual, rapidamente, se detectam personalidades históricas tão proeminentes como a rainha Catarina de França, Leonor de Aragão, a duquesa de Ferrara, Margarida de Áustria, a duquesa da Toscana ou o duque Cosimo de Medicis, para além de numeroso intercâmbio epistolar entretido por diversos arcebispos, bispos e cardeais, principalmente, italianos. Esta valiosa variedade de comunicações não esconde, porém, duas direcções constantes que reflectem, afinal, as próprias condições indispensáveis para a estabilidade e reprodução da experiência

¹⁵ Gostaríamos de deixar aqui expresso o nosso agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian que participou dois estágios de investigação científica que realizámos em arquivos e bibliotecas florentinos e romanos, em Outubro de 1985 e Setembro de 1986, ajuda sem a qual não nos teria sido possível concretizar essas duas acções.

¹⁶ Os volumes referentes aos séculos XV e XVI, mais ou menos contemporâneos da vida de D. Leonor, são os seguintes: f. 2 — *Libro di tutte les Decimes e Beni dei Monasterio*; f. 3 — *Libro di Ricordanzes (1400-1557)*; f. 89 — *Obblighi, Riduziones, Capellas, Legati, Testamenti*; f. 90 — *Filzas, Testamenti*; f. 91 — *Testamenti (1461-1635)* e f. 100, volume de correspondências, incluindo grande número de documentos originais de Quatrocentos e Quinhentos.

religiosa da comunidade das *Murate*: a protecção de grandes dignitárias femininas, ligadas estreitamente à direcção do poder de estados territoriais epocais, aliada a uma rigorosa conexão e patrocínio da hierarquia da Igreja romana e italiana parecem definir os dois grandes veios responsáveis pelo prestígio do mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença... Acrescente-se, porém, que ressaltava claramente do conjunto desta colecção epistolar quer pela sua extensão quer pela sua importância a documentação directamente referente a Portugal¹⁷, na qual assume relevo particular a correspondência original de e para a rainha D. Leonor, aquela que, aliás, mais directamente nos interessa e que nesta nota pretendemos referenciar.

Ultrapassando a forma um pouco caótica e acriteriosa como este fundo documental foi organizado pela compilação que estamos a estudar¹⁸, torna-se possível ordenar a documentação em cinco grupos principais e sumariar as espécies que os formam:

A. Cartas da rainha D. Leonor para Eugenia Benedetta e para as Murate

1. 1497, Julho, 16 — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em italiano com frequentes lusismos)¹⁹.
- 1.1. 1497, Julho, 16 — Outra versão da carta anterior, com ligeiras alterações e em italiano mais aperfeiçoado²⁰.
2. 1497, Julho, 17, Lavradio — Carta de D. Leonor para Eugenia Benedetta (em português). (V. Apêndice II).
3. 1497, Agosto, 16, Lavradio — Carta de D. Leonor para Eugenia Benedetta (em português)²¹.

¹⁷ Na verdade, apenas a documentação relativa a Portugal se encontra titulada, ostentando uma epígrafe em que se pode ler *Lettere dei Re, e della Regina di Portogallo scritte alia nostra Badessa. Dal 1497 ai 1515. E copia di risposta di nostre Lettere. Dal 1400 ai 1512*. Como veremos de seguida a cronologia apresentada por este título não se afigura correcta...

¹⁸ Para além de não se registar qualquer tipo de organização cronológica, a documentação encontra-se ainda disposta em dois grupos distintos no volume que os alberga: das fls. 200 a 257 e 461 a 471, apesar de se encontrarem cartas da mesma autoria e do mesmo período divididas pelas duas séries.

¹⁹ Carta não assinada que deve ser, muito provavelmente, uma cópia da original enviada por D. Leonor. (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 235).

²⁰ Carta, igualmente, sem assinatura que poderá ser uma transcrição italiana, da responsabilidade das *Murate*, da missiva original da rainha portuguesa. (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 466).

²¹ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 234).

4. 1499, Maio, 13, Lisboa — Carta de D. Leonor para as religiosas das *Murate* (em português)²².
5. 1500, Julho, 12, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em italiano)²³.
6. 1504, Julho, 12, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)²⁴.
7. 1509, Março, 1, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)²⁵.
- 7.1. 1509, Março, 1, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Tradução em italiano da carta anterior²⁶.
- 7.2. 1509, Março, 1, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Outra tradução em italiano, com ligeiras diferenças, da carta sumariada em 7., mas contendo, igualmente, um apêndice que traduz o documento seguinte²⁷.
8. 1509, Março, 2, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Carta de D. Leonor para a abadessa das *Murate* (em português)²⁸.
- 8.1. 1509, Março, 2, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Tradução em italiano da carta anterior²⁹.
9. 1510, Setembro, 6, Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³⁰.
10. 1512, Julho, 22, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³¹.

²² Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 230).

²³ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 467).

²⁴ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 233).

²⁵ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 228).

²⁶ Cópia em italiano da carta anterior, mas com uma assinatura «Reina Lianora», escrita, provavelmente, por António Florentino por mandado de D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 469).

²⁷ Outra cópia em italiano da carta indicada em 7, também provida duma assinatura «Reyna Lianora», mas que deverá ser, contudo, uma transcrição, da responsabilidade das *Murate*, da referida missiva. (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fls. 465 e 465v.).

²⁸ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 229).

²⁹ Cópia em italiano da carta anterior, mas com uma assinatura «Reyna Lianora», escrita, provavelmente, por António Florentino (ou António de Orsino) por mandado de D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 470).

³⁰ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, fl. 226).

³¹ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 249).

11. **1514**, Fevereiro, 16, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³².
12. 1515, Abril, 14, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³³.
13. 1515, Abril, 20, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³⁴.
14. 1515, Novembro, 2, Lisboa — Carta de D. Leonor para a abadessa e religiosas das *Murate* (em português)³⁵.

B. Cartas das Murate para a rainha D. Leonor

1. 1499, Outubro, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor³⁶.
2. 1501, Abril, 15, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor³⁷.
3. 1504, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor³⁸.
4. 1504, Fevereiro, 10, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor³⁹.
5. 1509, depois de 23 de Junho, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para D. Leonor⁴⁰.
6. 1515, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor⁴¹.

³² Carta original com a assinatura habituai de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 248).

³³ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 254).

³⁴ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 225).

³⁵ Carta original com a assinatura habitual de D. Leonor «LRaynha» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 227).

³⁶ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 246).

³⁷ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 241).

³⁸ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 245).

³⁹ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 468).

⁴⁰ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 462).

⁴¹ Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 243).

7. s.d. — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor praticamente ilegível⁴².
8. s.d. — Carta das *Murate* para a rainha D. Leonor, cópia incompleta⁴³.

C. Cartas das *Murate* para o rei D. Manuel I

*

1. 1497, Fevereiro, 20, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* "para o rei D. Manuel I"⁴⁴.
2. 1505, Fevereiro, 13, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para o rei D. Manuel I⁴⁵.
3. 1510, Dezembro, 27, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* para o rei D. Manuel I⁴⁶.

D. Cartas do mercador e banqueiro Bartolomeo Marchionne para as *Murate*

1. 1510, Setembro, 8, Lisboa — Carta de Bartolomeo Marchionne para as *Murate*⁴⁷.
2. 1513, Fevereiro, 24, Lisboa — Carta de Bartolomeo Marchionne para as *Murate*⁴⁸.
3. 1515, Maio, 24, Lisboa — Carta de Bartolomeo Marchionne para as *Murate*⁴⁹.
4. 1520, Julho, 27, Lisboa — Carta de Bartolomeo Marchionne para as *Murate*⁵⁰.

⁴² Cópia da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 464).

⁴³ Cópia incompleta da carta das *Murate* para D. Leonor (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 242).

⁴⁴ Cópia da carta das *Murate* para D. Manuel (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 240).

⁴⁵ Cópia da carta das *Murate* para D. Manuel, assinada «La jndegna abbadessa e convento dele Murate» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 237).

⁴⁶ Cópia da carta das *Murate* para D. Manuel, assinada «Le jndegne oratrice abbadessa e convento delle Murate» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 236).

⁴⁷ Carta original com a assinatura «Bartolomeo marchionne» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 211).

⁴⁸ Carta original com a assinatura « Bartolomeo marchionne» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 209).

⁴⁹ Carta original com a assinatura «Bartolomeo marchionne» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 210).

⁵⁰ Carta original "com a assinatura « Bartolomeo marchionnj» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 208).

E. Correspondência e relações várias

1. 1494, Novembro, 1, Roma — Carta de soror Ursolina di Città da Castello para Eugenia Benedetta. (V. Apêndice I)
2. [1500-1504], Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Carta das *Murate* em que se relata a protecção de D. Leonor à comunidade⁵¹.
3. 1505, Março, 2, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Queixa das *Murate* dirigida às autoridades florentinas motivada por não receberem as esmolas enviadas de Portugal pela rainha D. Leonor⁵².
4. 1559, Setembro, 11, Mosteiro de S. Maria Annunziata de Florença — Relação das esmolas enviadas por D. João III para as *Murate* de 1551 a 1555⁵³.

Como se comprova através desta descrição sumária dos fundos documentais relativos a Portugal que se conservam no antigo arquivo das *Murate* florentinas, não apenas se demonstra a extensão e interesse desta colecção histórica, como também se evidencia, de forma clara, a sua vinculação nuclear à rainha D. Leonor de Lencastre e isto apesar de não deixar de ostentar alguma relevância a documentação ligada a D. Manuel e, muito particularmente, àquele que era o principal mercador e banqueiro estrangeiro comprometido com as Descobertas e o tráfico comercial ultramarino português do princípio de Quinhentos⁵⁴ — um Bartolomeu Marchionne que através das suas cartas aparece ao serviço da, então, viúva de D. João II...

Embora não seja esta ainda a altura indicada para apresentar os resultados das investigações sobre os significados e sentidos desta extensa rede de correspondências, cujo esclarecimento e estudo definitivos imbrincam, logicamente, com contextos epocais mais vastos, torna-se, talvez, conveniente indiciar, ainda que rapidamente, algumas das pistas centrais que potenciam a utilidade e importância deste fundo.

⁵¹ Cópia da carta das *Murate* (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 463).

⁵² Cópia da carta das *Murate*, assinada «Per Ia jndegna abbadessa nelle Murate di firenze» (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fl. 244).

⁵³ Relação original das *Murate*, redigida em 1559, Setembro, 11 (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fls. 200-203).

⁵⁴ Acerca das relações estreitas entre Bartolomeu Marchionne e a expansão e comércio ultramarino portugueses de finais do século XV, princípio de Quinhentos, veja-se HEERS, Jacques — *MARCHIONE, Bartolomeu*, in «Dicionário de História de Portugal», vol. IV, p. 171 e, principalmente, GODINHO, Vitorino Magalhães — *Os Descobrimentos Portugueses e a Economia Mundial*, Lisboa, 1982-83, vol. II, pp. 154, 162 e 165; vol. III, pp. 53, 57, 194 e 196; vol. IV, pp. 128 e 195.

Primeiramente, julga-se necessário reter o interesse que a cronologia apresentada possui para esclarecer os ritmos mais influentes que regulam a periodização dos contactos entre as *Murate* e os meios portugueses aludidos. Neste domínio, não ocorre apenas que a documentação demonstra claramente que o início das correspondências se situa no período de 1490-97, em ligação com as peregrinações à Terra Santa de Eugenia Benedetta e outras religiosas italianas (V. Apêndice I), mas também em conexão com a solidariedade espiritual oferecida pelas emparedadas florentinas a D. Leonor perante as mortes sucessivas do príncipe D. Afonso (12 de Julho de 1491) e de D. João II (25 de Outubro de 1495), como, igualmente, se regista uma clara dependência da cadência epistolar em relação aos ciclos de doença e saúde que caracterizam a vida e os meios frequentados pela rainha viúva... Contudo, parece ainda colaborar para impor este ritmo cronológico, particularmente, a partir dos contactos do período 1500-1504, os fluxos próprios do comércio das especiarias orientais controlado, então, por Portugal, já que a munificência da rainha D. Leonor para com as *Murate* se expressava também, significativamente, através da doação desses produtos. De qualquer forma, afigura-se-nos primordial, no que concerne ao estudo da periodização que ressalta do conjunto documental sumariado, sublinhar que a cronologia se encontra centrada na acção devocional e piedosa de D. Leonor, entre 1490-1515, podendo ser muito possivelmente explicada somente em função dos grandes interesses espirituais que agitam a biografia da rainha e, através dela, contaminam sectores importantes do mundo religioso português da época: trata-se, obviamente, de uma pista valiosa que deve ser trilhada em conexão com outros elementos e índices importantes para a investigação do papel que pertence a D. Leonor na história religiosa e da espiritualidade portuguesa epocal...

Deve-se ainda salientar que o fundo documental que estamos a estudar alberga e testemunha um intercâmbio concreto, material e espiritual, com algum interesse, abrindo-se a caminhos de pesquisa pertinentes. Se D. Leonor abastece o mosteiro e enfermarias das *Murate* florentinas com quantidades importantes de especiarias orientais, açúcar, marmelada e outras mercadorias várias, especialmente, de interesse medicinal e farmacêutico, regista-se, em sentido contrário, uma afluência significativa de objectos de devoção que incluem pinturas, trabalhos em seda e, inclusive,

livros de horas miniaturizados, elementos que, principalmente, se encontram nitidamente em conjugação com as linhas mestras das devoções e espiritualidade leonorescas... Acresce ainda que, dado estas formas de contactos exigirem um cuidado especial e criterioso na escolha dos meios e responsáveis pelo transporte dos materiais doados e permutados, consegue-se reconstruir novas relações valiosas na concretização do labor piedoso e devoto de D. Leonor de Lencastre: desde o doutor Luís Teixeira a Bartolomeo Marchionne, passando por uma ligação muito estreita ao nuncio apostólico, compreendem-se e registam-se preferências e protecções importantes exibidas pela actividade da rainha.

No entanto, os ternários e interrogações associados a esta documentação que parecem apresentar hipóteses de investigação mais rentáveis e relevantes prendem-se, precisamente, com as possibilidades de se começar a estudar e a reconstruir uma visão outra da influência e poder de atracção exercidos pela cultura florentina epocal em certos meios cultos e espirituais dirigidos pela rainha D. Leonor. Ressalta até com uma certa evidência dos fundos que acabamos de sumariar a importância de uma Florença outra, distante ou, pelo menos, prescindindo aparentemente dessa famosa Florença dos humanismos e dos renascimentos, enformando, centralmente, uma Florença devota, religiosa e espiritual, cujas experiências e manifestações mais salientes não deixaram, afinal, de ter eco e ressonância nessas importantes franjas do Portugal religioso que D. Leonor de Lencastre procurava influenciar e organizar... Contudo, a documentação não deixa também de dilucidar, em sentido inverso, a devoção que, da comunidade feminina de S. Maria Annunziata à actividade mercantil de Bartolomeu Marchionne, era nutrida, profunda e sinceramente, pela vida e acção paradigmáticas de D. Leonor, o que pode, talvez, representar uma via de admiração de uma certa «Florença» por um determinado tipo de imagem de Portugal religioso e prosélito, cultivado e propagandeado epocalmente...

APENDICE DOCUMENTAL

I. Carta de soror Ursolina di Città da Castello para Eugenia Benedetta (1494, Novembre 1 — Roma)

Carissima madre in Christo ihesu. La gratia del spiritu santo sia sempre nella dilecta anima vostra. Avisove come avemo Ricevute una vostra lettera. Quanta consolatione ne o Ricento Amigua hermana non le poteve narrare sentendo che voi seta viva. Madre mia ma dolleme assai del vostro male. Voi me scrivete che io ve avisi corno sonno passate le cosse de Jerusalem non bene posso dare aviso al presente per brevità del tempo. Se piacerà a lo Signore che noi siame vive questa pascha della resurrectione. Se potereme la mia compagna et jo venereme a visitar ve aloro ve aviseremo a pieno de ogni cossa. A la parte che me scrivete delle jndulgentie jo facto fare quatre supplicatione et o e date a fare signare quella che sera segnata più presto ne manderò. Jo parlato a frate Alfonso della regina de Portugalo. Luy me a detto che vorriei sapere si volete tornare in Jerusalem che volendo tornare li date aviso lo più presto che potete per che mandava uno corriero a la Regina che voi fusti proveduta di quello che vi bisongo per voi et per vi vostre compagne. Madre mia non si pò dimenticare la carità voi ci facesti in Jerusalem et sempre voi porto nel core. La mia Johanna est molto male contenta de essere tornata. Et non se contenterà jn sino che tome in Jerusalem. et jo jnsieme conlei si noi potiamo fare decha cosa che ve sia grata propone che me ne date aviso. Noi seme minime mai in quello che poteremo ne servireme corno cordialissima madre. Pregameve per lamor di dio che ci date la vostra benedictione et pregate lo signore per noi. Ricommandate a queste vostre madre et sorelle che preghano dio per noi et Ricommandamo ve la nostra madona maria, che preghare per lei. Date in Roma lo di primo di Novembre. 1494.

La vostra dilecta figliola sore Ursolina da Cita da Castello.

(ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F. 100, fi. 471)

II. Carta de D. Leonor para Eugenia Benedetta (1497, Julho, 17 — Lavradio)

Eugenia amiga. Nos dona lianor per graça de deos Rainha de portugal e dos algarves daaquem e dalém maar em aphrica e sefiora de guinee: nos encomendamos em vossas devotas orações e enviamos muito saudar. As cartas e consolações vossas que os dias passados nos escrevestes sobre o falecimento do príncipe meu

filho que deos aia ordenou nosso senhor que nos fossem dadas a tempo que obrassem em nos dobrada consolaçam e caridade pola morte delrei meu senhor que sancta gloria aia a qual prouve a nosso senhor nos dobrar sobre a de meu filho aa chegada de vossas cartas assy que vossas consolações vijndo a fazer húa cura obraram em nos duas o que causou tardar tanto nossa reposta, polo qual damos muitos louvores ao senhor deos que nos ouve por merecedor de participarmos de sua mão angustias e pressurias deste mundo e recebermos per ellas suas piadosas e salutiferas amoestações e diciplina de vos recebemos em muita graça o que nos emviastes e assy vossas tam proveitosas consolações e lembranças de nossas doores e sentimentos. Rogandovos muy affetuosamente que em vossas continuas e devotas orações vos praza aveer sempre em vossa lembrança e encomenda as almas daqueles senores passados de que nosso senhor ouve por bem nos privar e assy a minha quando coeles se vijr. yssso meesmo vos praza encomendar a nosso senhor a pessoa e estado do senhor Rei meu jrmaão que he a soo consolaçam que me neste mundo quis leixar. elle seia louvado. E ainda que elle he o principal remunerador das boas obras, speramos de sua piedade nos ordenara como com toda a caridade algúa parte vos satisfaçamos, scripta no lavradio a xbij do mes de Julho do anno de nosso senhor Jhesu christo de mil 4. 9. 7.

LRaynha (ASF, *Conventi Sopressi*, 81, F.

100, fl. 247)